

*"Rebento as portas para que o vento entre e o grito do mundo".  
(Ofélia, de Hamlet-Machine, de Heiner Müller)*

Este conto tem como referência a obra do dramaturgo alemão Heiner Müller, *Hamlet Machine*, um texto teatral de 1977 inspirado na obra de William Shakespeare. Na peça, são narradas as catástrofes da história e da cultura ocidental, deixando nítida a dúvida do artista entre o desejo de se transformar em uma máquina insensível a tudo e a necessidade de atuar como um historiador da sua época e do pensamento intelectual na República Democrática Alemã.

Müller também chama a atenção por permitir que seu Hamlet, vez por outra, saia do personagem para falar como ator, assim como faz Eunice Mendes em *Faca na Língua*, quando o eu lírico de uma Ofélia pós-moderna e tomada de fúria, dirige-se diretamente ao leitor, implorando apenas por uma breve visão do espetáculo possível da vida. De resto, tudo é desejo de morte e de sofrimento ancestral, feridas abertas, azedume, esgoto, podridão, sangue e escorpiões que nascem das entranhas dessa mulher para assassinar demonstrações mínimas de afeto. O cenário repleto de trincheiras e metralhadoras preparadas para aniquilar qualquer sentimento de encanto pela condição humana é reflexo dos confrontos bélicos que abalaram o século XX e suas testemunhas oculares como condenados de guerra, sem direito à misericórdia e à redenção.

Nessa atmosfera apocalíptica e ensurdecidora, não há espaço para Deus e muito menos para o amor, já que o perdão não faz o menor sentido. Somente o desejo de lutar, de morrer de ódio e sem salvação. Mas nem tudo se encerra no suspiro final. Como um naufrago que estende a mão de forma quase instintiva e já sem forças para mais nada, nasce uma trégua do "enjoo que dá o açúcar do desejo", como bem expressou a poeta brasileira Ana Cristina Cesar. Afinal, quem não anseia, nem que seja por um segundo, experimentar o que poderia vir a ser a experiência luminosa de refrear a vontade de morrer e de vislumbrar o divino dentro de si, sentindo o gosto da terra pulsando pelas veias? Não é preciso muito para isso. Apenas um tiquinho de sal sobre os olhos nublados.

### **Maria Alice Carnevalli**

Crítica literária, doutora em Ciências da Comunicação e licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo.